

# ALMA NOVA

REVISTA ILUSTRADA

: LITERTURA SCIENCIA : CRITICA : E : ARTES :

Redacção e Administração

**Ano I** R. da Proissão, 91, 3.º  
LISBOA

Director, Proprietario e Editor:

Mateus Martins Moreno

Secretario da Redacção: F. Ascensão Mendonça

Redactores: Ascensão Contreiras, Jaime da Graça Mira,  
João Rico, Joaquim Rita da Palma, José Dias Sancho, José  
Guerreiro Murta, José Pavia de Magalhães, D. Laurinda  
Serytram e Mauricio Serafim Monteiro.

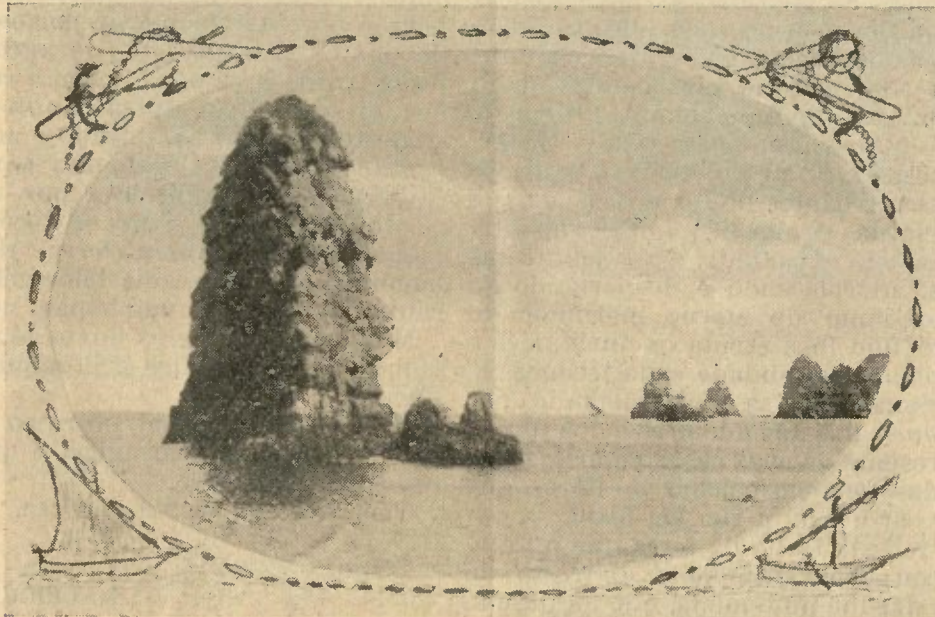
Composição e Impressão

A MODESTA--57, R. do Mundo, 59

LISBOA

N.º 7

:: BELEZAS DO ALGARVE ::



LAGOS — (ROCHAS NA BAÍA)

Rasgue-se o Algarve de boas vias de eomunicação a todos os seus logares mais pitoreseos e fomenta-se com esmero a industria hoteleira, que êle será uma das nossas provineias mais visitadas e mais prosperas.

## Na Luz

Tarde d'outono, minha irmã serena e calma  
Cheia d'amor e dor e cheia de misterio,  
Accita no teu fluido o fluido da minh'alma,  
Eleva ao infinito este meu canto aereo...

O ceu esvaneceu e a tinta que desloca,  
Ictérica, beijou as folhas em necrose...  
Sae da terra, da planta e sae da minha boca  
A prece para o Sol que ardeu na apoteose.

Envolto nesta luz eu sinto no meu ser  
— Sinto no meu amor — o vulto da tristeza  
Nos braços do Silencio a sorrir de prazer.

E sou feliz, oh tarde! a alma se evapora  
Na comunhão da côr, da luz e da bcleza,  
Na forte morbidez do *Angelus* que chora.

Estoi

: AUGUSTO EMILIANO :

# SOBRE O ALGARVE

ESCREVER sobre o Algarve na sua ausencia equivale a falar mais pela voz do coração do que pela do espirito. Porque ao nosso pensamento prepassam como em fita cinematografica as suas hortas matizadas com os tons claro-escuros das arvores, onde a agua das réguas e das nascentes faz côro com o chiar das nóras sarracenas, em cujos passadiços as fadas outrora tangiam as cítaras e carpíam as suas maguas. E' recordar as amendoeiras orgulhosas, em flôr, á beira das estradas, como noivas toucadas de branco a sorrir ao viajante, aspergindo o solo com as suas pétalas que o fruto desligou do pé, num impulso egoista, dando ao solo a abstração poetica da via lactea numa noite de luar. Falar do Algarve equivale a recordar esses recantos de luz e beleza, onde a doirada areia das praias dá a impressão dum terrasso de castelo encantado, em cujas grutas vivem ninfas, adormecendo e despertando ao cadenciar monótono do eterno marulhar do oceano amigo que lhes escuta os queixumes e lava as lagrimas da saudade e da tristeza. E' recordar as suas aldeias, branquejando por entre os *bouquets* das amendoeiras e dos figueiraes; é ter presente as suas casas mouriscas, de cujas varandas pendem colchas de flôres, que aromatisam o ar e pem a rua em festa.

Pois é sobre esta facha de terra que a natureza demarcou orograficamente do resto do paiz, como a dar-lhe autonomia, que eu desejaria que todos os algarvios fizessem o alvo das suas reclamações.

Póde dizer-se que o Algarve só ha poucos anos entrou no conhecimento do resto do paiz. Vivía ali entalado entre o Oceano e a serra do Caldeirão, esquecido, desprezado do resto do paiz, entregue aos seus proprios recursos. E tam longe ia o esquecimento e o desprezo, que por vezes a ironia e a critica caía sobre si impiedosamente e brutal.

Não ha muito tempo ainda, numa revista qualquer, aparecia um provinciano ignorante, visitando pela primeira vez a capital. Na sua bôca collocaram-se disparates de tal ordem, que o Algarve, a quem nunca o tivesse visto, surgiria como um natural prolongamento do norte de Africa.

Este conceito, tam injusto como erroneo, transpôz fronteiras, criou vulto e foi cair estrondosamente aos olhos do mundo civilizado, em plena exposição mundial em Paris, sob o rótulo vergonhoso: *trabalho dos selvagens do Algarve*.

Pois bem: é necessario que esse conceito se desfça, que o Algarve apareça aos olhos do resto do paiz tal como é; que as suas belezas sejam conhecidas e visitadas; que os seus poderosos recursos natrrais sejam explorados convenientemente; que os poderes publicos oçam as nossas reclamações sobre o máu estado das vias de comunicação; que haja, enfim, um sentimento regionalista a ligar todos os algar-

vios, abrindo-lhes os olhos á natureza que lhes fala em vão.

A nossa provincia tem atualmente um numero notavel de filhos dispersos pelas diferentes faculdades do nosso paiz. Os alunos das Belas Artes dirão alguma coisa sobre a beleza artistica do Algarve, onde ha temas interessantes; os alunos de medicina sobre a amenidade do clima na cúra do reumatismo, tuberculose e outras doenças; os de engenharia têm a costa para o aproveitamento de portos, a construção de pontes, estradas; os de agronomia podem fazer curiosos estudos sobre a cultura do ananaz, do algodão, e esportação de frutas; os que se destinam ao professorado e ao direito, fiscalisarão o ensino, pugnando por êle, fazendo conferencias, moralisando por um lado e fazendo manter por outro os doces costumes regionalistas da nossa terra, defendendo os monumentos, que o camartêlo muitas vezes ignorante das camaras municipais destroi sem dó.

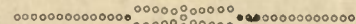
Mas primeiro que os novos têm a palavra os velhos, os conhecidos e já admirados no meio algarvio.

Entre estes sobresaí, no ramo artistico, o inspirado pincel da paisagem, o querido e admirado Lystér Franco.

Tem pois sua Ex.<sup>a</sup> a palavra.

Lisbôa — 25-3-915.

: MAURICIO MONTEIRO :



## “ALMA NOVA”

As simpatias que a nossa revista vai continuamente adquirindo e a protecção disvelada com que os seus crescentes admiradores dia a dia a vão tornando mais bela e mais proveitosa, emprestam-nos a coragem e a confiança maximas para não desanimarmos nem descremos da utilidade do nosso esforço.

Hoje, além do ilustre homenageado, iniciam nela a sua colaboração mais cinco consagradas figuras, — o sr. Augusto Emiliano da Costa, clinico em Estoi e maravilhoso poeta; um admirado publicista e ilustre professor em Lisboa, que se oculta sob o pseudónimo de «Gonçalo de Olivais»; Antonio Ferro, A. d'Almeida Ribeiro e José Rebelo —, nomes todos já bastante conhecidos nas letras contemporâneas.

Em nosso poder temos tambem colaboração de Bernardo de Passos, Mario de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Guisado, Augusto Cunha, Lyster Franco, e outros; esperando, mesmo, que, dentro em pouco, a «Alma Nova» será a publicação mais interessante e proveitosa de que o Algarve se tem a orgulhar.

Para ocorrer ás despezas dos muitos melhoramentos que lhe vamos introduzir é que hoje publicâmos o folheto *Préce ao Vento*.

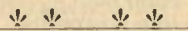
## COSTUMES DO ALGARVE



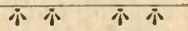
A LAVOURA

(Cliché de A. J. Teixeira)

## QUESTÕES ACTUAIS



## : I—O Problema :



**S**OBRE o xadrez do Velho Mundo, a humanidade resolve neste momento um problema, grave, torturante, problema cujos dados são canhões e granadas, os factores a eliminar milhares de vidas humanas e de cuja solução depende o futuro da civilização europeia.

A toda a humanidade interessa a resolução desse problema: — ao mundo amarelo do Oriente que antevê o momento em que, aniquilada a civilização ocidental, ele se extenderá mais livre sobre o globo; ao mundo Yankee, que assiste ao estrebuchar de uma civilização que já considera atrasada, civilização de pigmeus que não sabem comprar cadeiras de senadores ou presidentes de Estado por milhares de dollars, nem erguer edificios de trinta andares; aos mundos novos das colonias da Africa ou Austrália, que, tomando parte na peleja, poderão dizer no fim, ao suzerano de ontem, como diziam os antigos barões: separados podemos finto como vós, e juntos mais; e, mais do que a todos, á civilização de ontem, no transcorrer das civilizações historicas, mas já velha, dos povos da pequena Europa que vêem os seus destinos hesitantes entre o triunfo de um novo cesarismo e a vitória de uma democracia que arvora ainda o pendão, que já hoje pertence á poeira da historia, de imortais princípios, também regados com sangue...

Entre que destinos hesita esta civilização?

Espera-a, dominante, a disciplina caserneira de um militarismo alemão ou a desorganização liberal de uma democracia franceza?

Seja-nos licito reservar o exame, se não das probabilidades pelo menos do valor destas alternativas, e notemos por agora que o problema magno se decompõe e que neste momento não são só as nações que lutam que esperam da luta a decisão do seu futuro. Todas a espreitam ansiosas; *væ victis*, mas também *væ victoribus*, ai dos vencidos e ai dos vencedores, porque neste momento, para os paizes que não sentem as carnes dos seus filhos trespassadas pelas baionetas ou dilaceradas pelos obuzes, o problema é aproveitar do cansaço de vencidos e ven-

cedores, e, deixando-os a curar as suas feridas e a tragar o amargôr dos seus ódios, desenvolver então, fortes da paz e preparados para a guerra, todas as suas energias e todas as suas actividades.

Tambem, neste momento decisivo da vida de tantas nações, Portugal se prepara, tambem se agita, tambem um problema o preocupa. E enquanto se jogam, a tiros de canhão, destinos de nacionalidades, em Portugal, os *dirigentes* pensam nas eleições!

Não se procura, fazendo um sacrificio, nesta hora que é de sacrificios, estabelecer uma carreira de navegação, que, aproveitando-se da vantagem de sermos ainda, — *le ciel en soit beni!* — um paiz quasi neutral, vá aos portos que outrora frequentavam esses navios colossais e velozes, hoje imobillizados; não se procura, num esforço de energia, nesta hora que é de energias, substituir as fabricas alemãs, hoje paralizadas, lançando no mercado brasileiro produtos portuguezes, — ou se isso se faz é silenciosamente, sem que denote um esforço colectivo e consciente, sem que, nesta hora que é de actividades victoriosas, se sinta uma corrente de actividade que ensine a uma nação, que se fez grande pela guerra, como póde encaminhar-se para a tranquilidade, já que não para a grandeza, á custa da guerra que os outros fazem. De forma que, ao verem-se as manifestações do espirito portuguez, nas conferencias, nas revistas, nos jornais, nas conversações, nesta hora em que se preparam destinos de nacionalidades, os portuguezes, é duro acreditar a veracidade dos factos — insultam-se uns aos outros, fazem versos, resolvem para a vida nacional um grave problema...: pensam nas eleições.

GONÇALO DE OLIVAIS.

## Club Algarvio em Lisboa

A « Alma Nova » está-se occupando muito a sério desta velha ambição da colonia algarvia existente na Capital.

Brevemente será convocada uma reunião de todos os algarvios, para se discutirem alguns projectos.

○ ○ O POÇO VELHINHO E A ESTRELA ○ ○

Aquelle pôço velhinho,  
Já com a agua enrugada,  
O corpo de pedra solta,  
Tremendo p'ra a derrocada —,  
Era um soluço pungente,  
Na curva branca da estrada.

Tinha um ar tão torturado,  
Tão rôto e tão pobresinho,  
Que, quem lhe passava ao lado,  
O deixava desprezado,  
A tremer juncto ao caminho,  
Como um mendigo engelhado.

No aspecto doloroso,  
Tinha um geito earinhoso,  
De bondade tão singella,  
Ar de quem, cheio de magua,  
Off'recia a sua agua...  
E uinguem ia bebel-a.

Limos negros e viscosos,  
Faziam nojos chagosos  
Sobre o seu corpo, em destroços...  
Até á luz das manhãs,  
No canto das suas rãs,  
Havia um rangido de ossos.

Ás vezes, na noite cseura,  
Elle era uma sepultura,  
Aberta, em isolamento,  
Onde se vinha aeolher,  
Cançada de se estorcer,  
A aza brava do Vento.

E tinha, na sua dôr,  
Um cutilante pavôr,  
Ouvindo o Vento ullular:  
Com o mêdo estremecia,  
N'uma gelada agonia,  
Receando desabar.

Fôra sempre um desprezado:  
Só motejos tinha achado,  
P'ra a sua bondade extrema:

Ninguem lhe entendia a magua,  
Ninguem qu'ria a sua agua,  
Oh! injustiça suprema!

E não havia razão,  
Oh! dôr, não havia, não,  
Para esse desdem profundo:  
Sua agua, triste, tremia  
Sobre a luz de extranho dia,  
Congelado no seu fundo.

N'uma noite em que chorava,  
N'um soluço, que cortava  
Ao Silencio, o coração,  
Veiu ter com elle uma 'Strella,  
Muita loira e muita bella,  
A mais finda da amplidão.

Ao pôço rôto e mesquinho,  
Disse a 'Strella, cheia de ouro:  
«Eu amo-te assim velhinho,  
Com teus limos e teu chôro,  
E teu ar de pobresinho,  
Tendo no fundo um thesouro».

Desde então, na noite alta,  
Como amante que não falta  
Ao anante lindo e moço,  
Essa Estrella earinhosa,  
Vem, tremente e Myst'riosa,  
Dormir no fundo do poço.

Como essa Estrelinha calma,  
Amae sempre o desdenhado,  
Que a bondade, na sua alma,  
É um thesoiro enterrado,  
Vós que sabeis que a proeella  
Da Dôr, faz muito destroço,  
E que esta historia singella,  
Quer exprimir que, no mundo,  
Ha almas, como essa Estrella,  
Outras que são como o Pôço,  
Com um thesoiro no fundo.

: JOÃO LUCIO :

## Contágio

*A' Primãta*

Meus dedos magros são eino irmãos  
Que entisicaram pelo sol posto...  
Vou pôr meus dedos em tuas mãos...  
Vê se os passeias pelo teu rosto...

Andam a ares nos teus cabelos...  
Vão pela sombra dos arvoredos...  
Começa a néve... Vai aquecê-los...  
Põe tua pele sobre os meus dedos.

Olha! Os meus dedos já se curaram!  
Mas a doença contagiou:  
Empalidéem teus dedos sãos.

Os enfermeiros entisicaram...  
Segue o remédio que me curou:  
Põe os teus dedos nas minhas mãos...

## Maria!

Eu não posso viver sem ti, Maria!  
E's o sonho d'amor, a imagem qu'rida,  
E's a esperança e a luz que me alumia,  
A pomba estremecida!

Ai, se eu perdesse o teu amor um dia...  
Como uma flôr exangue, emureheida  
Que da haste eaisse, eu ficaria,  
Sem forças e sem vida!

Não fujas receando os meus desêjos;  
O mundo é o que vês!... não têm valôr  
Da vida os rumorêjos.

Não me abandones nunea, ó meu amor!  
Dá-me a doçura e o mimo dos teus beijos,  
Mitiga-me esta dôr!

10-3-914.

Paço d'Arcos — 1914.

ANTONIO FERRO

REIS VARELLA

## Sobre a necessidade de traduzir em musicadas harmonias os contos tradicionais do Algarve

A gloria da civilização não teria sido tão opulenta e vasta se as gerações sucessivas não tivessem arquivado as suas produções, transmitindo-as á posteridade numa multiplicidade de concepções indestructíveis, que são o orgulho das raças.

O precioso cogitar dos célebres iluminados dos diferentes ramos da inspiração humana, não teria transmitido as scintilações do seu eterno brilho, se o seu saber acabasse com eles e jazesse sepultado no estreito ataúde dos seus progenitores. Não; o saber humano, inapagavel reflexo das locubrações do espirito, vive com ele a través das idades, locupletando-se nos sorrisos espirituais das idades que aportam.

E este critério concebe o genio em todas as suas extraordinarias manifestações, — desde o espirito errante a través dos formosíssimos labirintos da filosofia, até ás rutilantes esferas de magia onde o artista habita.

De **Arte**, quanto se tem dito e quantas opiniões dela se formam! Quanto rendilhado de ideias e quantas belezas de forma se trocam do seu conceito!...

E como **Arte** pudesse ser um prisma do belo visto a través do nosso pensamento, discutimo-la com as sensações que ela produz em a nossa alma, mais ou menos enamorada das suas fulgentes ametistas divinas. E como ela pudesse ainda traduzir alguma coisa de grande, que arrasta o nosso sentimento, sentimo-nos também descorajados ao formularmos as sensações de que ela feérica-mente infiltra a nossa alma sequiosa de sonhos. Por isso o artista, mais preocupado com os enlevos cheios de graça, de mimo, de grandeza e talento, vive para eles, trabalha por eles, produz pelo amor deles, desviando-se muitas vezes dos escabelos da propria vida, desconhecendo

até que a intelligencia mundana, bem ou mal orientada, se entretém em fatidicas controversias.

Cingindo estas simples considerações á divina arte da **música**, não nos será possível apresentar espiritos de colossal grandeza que não alimentassem, por certo, as ideias acima expostas.

Tendo um povo, no seu fundo de inocencia, um delicado de tradições; na simplicidade dos seus costumes, uns cantos que o definem; na endecha das suas rimas, um *motu* tradicional de sentimento; na ardencia das suas lagrimas, um temperamento inconfundível das suas alegrias; tendo as mesmas tradições do seu misticismo aliadas ao fundo comum da lembrança duma mesma historia, conservando na recordação dum facto triste o sorriso ináto duma mesma gloria, ele canta com o ingenho proprio duma alma de trovador, nos acordes melódios da sua alma simples, tudo o que distingue e anima o seu caracter.

Grande é, pois, o genio que, compreendendo até que esfera sobem as qualidades nativas e tradicionais do seu povo, as agrupa numa grandeza tão bela e colossal que faça com que mostradas uma vez, ele, cheio de assombro, as admire emudecido, se bem que o espirito humilde não as discirna por completo; — que faça com que os intellectuais, despojados de qualquer sentimento insinuo, reconheçam no seu íntimo a tradução fiel dum pedaço da sua alma.

Foi assim que se formaram escolas de **música**, cada uma tratando o sentimento da sua raça. E é por isso que a **escola italiana** se não confunde com a **franceza** e ainda muito menos com a **alemã** ou a **hespanhola**.

A muzica de qualquer delas tem um exclusivismo proprio. Uma, retratando o céu dum mar

## O O FIGURAS ALGARVIAS O O



DR. JOÃO LUCIO

*Não fazem dano as musas aos doutores.*

— Assim escreveu A. Ferreira, um dos maiores poetas do século XV, e parece-nos isto tão verdade, que, embora muitos criticos o tentem negar, quasi estamos em crê-lo. Ora, João Lucio, advogado, e dos mais distintos do Algarve, quem o não chamará, não obstante, um dos maiores poetas da nossa provincia? E' o, incontestavelmente; e os canticos da sua lira, mais do que as notas dum pentagrama biblico de sonhos, e mais do que um luar imenso de harmonias, são um ilimitado céu de pureza calma e de acariciadores sorrisos.

Profundamente regionalista no *Meu Algarve* e grandiosamente português no *Descendo*, não é menos encantador e belo *Na Aza do Sonho*, a sua ultima obra.

E' pois, com imenso orgulho que hoje lhe prestamos esta singela homenagem — e lhe damos um testemunho sincero de toda a admiração que temos pela sua grande alma e pelo seu belo talento.

lindo; outra, as *nuances* harmoniosas dum mimo ativo, nobre, generoso; outra, ainda, os contos mediévos de infortunados combatentes, cuja «intensidade de compasso» se julga burilada pela ponta duma scintilante lança, e, finalmente, a ultima, simbolizando a alegria proverbial dumas privilegiadas guitarras.

Mas serão só estas? Evidentemente não!...

Porém, a alma romantica de Portugal acha-se ainda isolada, esperando com disvelo e pacien-

cia um grande **Wagner**, um delicado **Mozart**, um pomposo e extraordinario **Bethoven**, um **Verdi**, um **Liszt**, **Tschaikouzky**, um **Bach**, que lhe traduza na Sublime Arte os seus contos de **moiras encantadas**, o gemer das suas **guitarras**, na lingua-gem harmoniosa da sua alma apaixonada.

(Continúa).

: A. D'ALMEIDA RIBEIRO :

Por Lisboa

## \* \* Cronicas de Arte \* \*

IV

### A revista trimestral de literatura — “Orpheu”. A exposição José Campas.

FALÊMOS de *Orpheu*. Não do Orpheu envolto em peles da fabula grega e do quadro de Watts, mas dum *Orpheu* de corpo em livro, envolto em original e bem reproduzida capa do senhor José Pachêco, cantando eu paulistas rimas e prosa-futurismo, possuindo por Euridice—a Arte. Falêmos da revista trimestral de literatura *Orpheu*, ora aparecida.

Abre *Orpheu* com uns poemas do senhor Mario de Sá-Carneiro de que, com franqueza, na generalidade, não gostámos, bátisados com o titulo paúlsta de «Para os «Indícios de oiro»—e cheios de versos para nós quasi incompreensíveis. Estâmos, mesmo, em crer, residir neste ponto o fundamento da nossa insatisfação. Realmente o senhor Mario de Sá-Carneiro revela-se possuidor de uma alma de poeta profundamente rítmica, sonhadora e musical nos sonetos «Salomé» e «Certa voz na noite, ruivamente...»,—duas belas composições, cheias de ritmo e de harmonia,—na pequena poesia «Sugestão» e, principalmente nesse «A Inegualvel», a pagina 16, de um sabor doentio mas nem por isso menos bela que qualquer das anteriores. Poesias ha, porem, que, por um excesso de Interseccionismo, descambam em «Charadismo». E' ver a «Distante melodia» e, sobretudo, essa estranha *blague*, (porque é *blague*, pois não, senhor Sá-Carneiro?)—16—cujos ultimos versos são dum destrambelhamento tal que só pedem transcrição sem comentarios. De resto estâmos em crêr que apreciaremos por completo todos os poemas do senhor M. de Sá-Carneiro desde que alguma «alma iniciada» na sua esfingica terminologia nos inicie tambem.

Segue-se o senhor Ronald de Carvalho. Na poesia «Elogio dos Repuchos», por exemplo, é este senhor sumamente feliz. Ritmo, Côr e Ideia nela abundam, superiorizando-a. O mesmo diríamos dos 3 sonetos, subordinados ao titulo unico «Alma que passa». E passamos adiante porque a carencia de espaço assim o ordena.

Fernando Pessoa, no *Marinheiro*, parece querêr traduzir-nos o mais completo estado de abstracção em que tres almas podem cair. As interrogações seguem-se e acumulam-se num alheamento de Vida e de Realidade. Cavalga-se o Sônho, vae-se alem do Real, penetra-se o Alem-Vida... Essa historia encantada do marinheiro perdido em longinqua ilha e levado pelas saudades da patria a criar em sônho uma patria nunca possuida, é, na verdade, sentidissima. Como o marinheiro integrando-se no seu sonho até fazer da Irrealidade, Realidade,—tambem nós, seguindo a historia, fomos por ela possuidos, caindo numa abstracção doentia e aniquiladôra. Era este o fim do senhor Fernando Pessoa? Se o era, realisou-o por completo.

Já numa destas cronicas nos referimos em termos mais que elogiosos ao poeta Alfredo Pedro Guisádo, um dos mais completos e fortes da geração moderna. Alegros neste momento ver como merecidos foram os elogios então feitos. Guisádo, reaparece-nos em 13 Sonetos que são 13 joias. Ritmo, Côr, Ideia e Forma, nelles superabundam. Lendo-os sentimos verdadeira pena de a nossa edu-

cação literaria e artistica nos trazer ainda algum tanto bastante mesmo, afastado dessa escola poetica que Guisádo prefere. Se assim não fôra, completar-se-ia o prazer experimentado na leitura desses dois indiscutíveis primôres poeticos que são os sonetos «Salomé». Guisádo mereceu o que lhe dissêmos, como mereceria tudo o que nesta altura lhe diríamos se tempo e espaço no-l'o permitissem.

José de Almada Negreiros, eximio no lapis, é-o tambem na pena. Demonstram-n'o, sem sofismas, os seus *Frisos*: uns Côr, outros infantilidade, uns naturalidade, outros sentimento, outros ainda dum erotismo artista e *raffiné*, moderno e espiritualisádo. Mas... não escrevamos mais: as más linguas do mundo, rosnariam, decerto, por cafés e esquinas que os sentimentos de amigo nos haviam vendádo os olhos, frios, de critico...

Côrtes-Rodrigues, um Interseccionista exagerádo, tem, no entanto, poesias cheias de musica e harmonia. Vid-o «Poente» e a «Agonia». «Só», um poemazinho facilmente compreensível e cheio de encanto, revêla-nos Côrtes-Rodrigues como um bom poeta e prosador.

E... chegámos aos melhor:—às composições de Alvaro Campos, fingido estudante de engenharia numa escola na Escóssia, monárquico mas não católico, creança, como toda a gente, e, como pouca gente, nascido numa provincia portuguesa, perfeito conhecedor do inglês e dos ingleses, perseguidor de suécas, anatematisadôr de commissarios de bordo, admirador do Progresso nos betons e cimentos armados, propenso ao suicidio e auctor da «Ode Triumfal»—irritantissima *blague*, para o leitor inculto e inexperiencede que folhear o *Orpheu*. Porque é *blague*, com certeza, essa «Ode triumphal». *Blague*, que colocada na boca dum nevrótico, dum neurasténico e espirito desordenádo, como esse hipotético engenheiro Alvaro de Campos, toma o character e merece os louvôres inerentes a uma pagina de psiquatria completissima. Por ela felicitámos o seu auctor-editor, senhor Fernando Pessoa. Merece-o.

E eis-o *Orpheu*. O seu homonimo da Grécia amansava as «brutas-féras» com a harmonia da voz. Amansará este os Criticos—féras guardadôres da Arte,—com o ritmo das suas composições? Esperamo-l'o.

Ha já uns oito dias decorridos que eu fui «convidado» a visitar a exposição do senhor José Campas, um nôvo tambem. Entrou-me pela porta dentro um homunculo falador e todo nervos, saudou-me, sorriu-se e, puchando-me do braço, arrastou comigo até junto do salão Bobône. Chegados que fômos, quedou-se á porta, estendeu lentamente o braço em direcção ao gabinete cujas parêdes se sumiam cobertas de inumeros quadros, e numa voz esganifrada, onde havia muito de Zoilo e muito de Voltaire, ciciou-me por entre um sorrisinho brégeiro:—«Aqui expõe o senhor José Campas, vendedor de telas. Preço médio do metro 100 mil réis ou esudos. Descontos aos revendedôres»—Sumiu-se. Nós entrámos para apreciar.

Decididamente não era tal como esse critico-ferocissi-

mo afirmára. O senhor José Campas não vende só telas, vende também Arte. Entre muitos e muitos quadros de que, francamente, não gostámos, ou pela impropriedade do colorido ou pela desproporção do desenho (Vid. por exp. os pés e a cara do «Velha Fiando...», quadro n.º 25), alguns ha que por completo nos satisfizeram. E' assim que apreciamos sumamente essa característica «Cigana», toda côr e toda sangue, toda braveza e encanto, e, tanto como esta, a «Rosita» de Agueda e mais o seu sorriso intencional de ovarina. Na paisagem alguns quadros ha com bonita luz e com interessantes detalhes. Destacam-se, porem, cinco paisagensinhas francêsas, «Trêchos de

Fontainebleu», pintados em 1909, com uma maneira 3 vezes mais apreciavel e apreciada que a actualmente preferida pelo seu auctor. Enfim, muito e muito mais diriamos se o espaço nos desse vênia. Força-nos, porem, a terminar a sua escassez. Mas antes de o fazer, um protesto: lidas que lhe foram estas linhas, o «homunculo falador e todo nervos», a que acima nos referimos, regougou por entre um gêsto de enfado:—«A evolução de José Campas? Ora adeus, meu amigo: dá-se só em relação aos preços...»

O que, está claro, é falsidade inaceitavel.  
Lisboa, 28 de Março de 1915.

A. BUSTORFF

## SOMBRA

*Ao distinto poeta Matheus Moreno*

Ha uma Sombra em mim, que eu bem na sinto,  
Ungida de Misterio e de Desejo...  
E' a Sombra do meu passado extinto  
Que inda vejo luzir em um lampejo!

Sombra misteriosa como o instinto  
D'almas que antes d'amar fogem p'ró beijo...  
— E' tudo para mim — que eu bem no sinto...  
— Ha uma sombra em mim — que eu bem na vejo!

Um resto do passado... Uma poeira  
De luz dourada e linda que ficou...  
Uma ância que em Sombra se tornou...

Luz morta a alumiar-me a vida inteira...  
Imensa treva a dar a claridade...  
— Sombra que eu sinto e vejo — és a Saudade!

JOSÉ REBELO

1915.

## CURTO DIÁLOGO

— Não, o verdadeiro amor é eterno, constante inabalavel!..

... E com uma fecunda erudição historica de vitimas imoladas a esse mito, n'um rasgo de eloquencia, elamava, altisonante e súbito, um jovem na ardente verdura da mocidade — quando a vida prepassa n'um devaneio e é o sentimento o seu postulado.

— «Eterno o amor?!...» Com um sorriso de magua e ternura, replica um amigo seu, jovem também, muito entregue aos estudos. «Eterno o amor!...» Quando a filosofia, a moral, a sciencia, emfim, nos demonstram quotidianamente quão utopica a ideia do absoluto é na trajectoria social dos nossos dias!.. O sentimento jamais poderá ser eterno.

— Ah, meu amigo!... Pretende então desprestigiar o nosso mais nobre sentimento, que na antiguidade era simbolisado em estatuas maravilhosas e cantado em poemas de ritmo d'oiro!...

— Não... nunca! E' positivamente por tê-lo na mais alta consideração, e, sobretudo, por venerar a personalidade humana, a moral, que em seu nome, pela boca da justiça, eu pelego

no campo da filosofia procurando chamar á realidade positiva da vida, o meu amigo, que infelizmente divaga nas regiões do romantismo, tão falso como funesto.

O outrora, nos tempos medievaes, era admitida e ingenuamente acreditada a invariabilidade e a constancia do amor até á morte. E que poetico conceito! — Os goticos conventos onde as noviças do escol, flébeis soluçavam, cheias de tedio já, pela vida terrena, na ância acrisolada d'um alem que as remisse á dôr do mundo e lhes ofertasse em troca uma vida perene de felicidade, — são esses conventos, sem duvida, a materialisação d'esse idial de candura e poesia. Hoje, porém, que já não existem esses linitivos moares e que possuímos uma ideia diferente de moral; hoje, meu amigo, em que uma das leis de toda a sciencia é a relatividade, é a evolução constante, indefinida, é indubitavelmente uma incoerencia lastimosa tal concepção de sentimentos, quando tudo na vida e a propria vida é transitorio!

— Amigo! Eu tenho uma ideia superior de moral e o seu aforismo

sobre psicologia briga e aniquila-se ante o que hodiernamente concebemos...

Antes de mais, temos de respeitar sobretudo a liberdade alheia e a vida humana; e como quer que possamos respeitar essa flôr mimosa: — liberdade-vida, — se depois de prostituirmos nosso espirito completâmos a sua teoria impondo e forçando aos outros a constancia do sentimento a mais voluvel das coisas!

Por cima de todos os axiomas romanticos e morbidos, ergue-se e impõe-se o respeito á dignidade humana: á moral.

Fora de todos os lirismos poeticos, está a verdade scientifica dos factos. Que todos compreendam os limites da liberdade sua, tal é o fim, o alvo supremo dos educadores.

Uma moral assim baseada na verdade da natureza, na realidade da sciencia, consolida as nobres tendencias do espirito humano e dá a felicidade social tão desejada, na demanda da qual tantas vontades têm sucumbido!

: MANUEL FONTES :



Aconselhâmos, no entanto, ao menos um pouco mais de respeito pela memória sagrada dos que nos engrandeceram, para que êsses que, com tanto estrondo, não ha muito ainda apodâmos de vândalos e selvagens, não digam amanhã, com muito mais propriedade, o mesmo de nós.

## \* O NOSSO CARNET \*

## Uma quadra

(Postuma)

Eu sinto que te pertença  
Desde o dia em que te vi.  
Pertença?! Não, não pertença,  
Eu faço parte de ti...

: PAULINA STEGNER JUDICE :

## CONCURSO INFANTIL

## BELEZA E BONDADÉ

Continuamos esclarecendo os fins altruísticos do nosso concurso e registando as respostas recebidas.

1.º — E' inquerido do leitor ou leitora o seu parecer sobre a menina ou menino mais galantes de Faro.

2.º — E' aberta uma subscrição por todos os leitores e leitoras com o fim de obter vestes para criancinhas indigentes.

3.º — Espirado o praso do concurso as criancinhas mais votadas (um menino e uma menina) distribuirão, em uma festa que então faremos, os fatinhos que houver por um numero correspondente de criancinhas pobres.

Acham interessante, original e humanitario?

Ensinar os pequeninos a sorrir-se uns aos outros, entre afagos de generosidade! não conhecemos lembrança mais delicada nem mais moralisadora!

E é por isso tambem que confiamos no brilhantismo da nossa proxima festa, que deve ser das mais curiosas que se têm feito em Faro.

## Creancinhas votadas

<b>Maria Carolina</b> , sobrinha do sr. Francisco Pinto.....	2
<b>Maria Judith</b> , filhinha do sr. João Ferreira Neto.....	3
<b>José</b> , filhinho do sr. Rebelo Neves.....	4
<b>Arthur José</b> , filhinho da sr. João Ferreira Neto.....	1
<b>Pedrinho</b> , filhinho do sr. Dr. Arthur Aguedo.....	1

## Importancia recebida em favor da subscrição

Transporte .....	3\$00
------------------	-------

Como dissémos, quem quizer oferecer vestes já devidamente confeccionadas, basta-nos ir avisando, pois que a entrega das referidas só nos deverá ser feita nas vespas do encerramento do concurso — em Outubro próximo.

Hoje temos o prazer de registar a oferta de 2 fatinhos, para menina de 3 anos, devidos á generosidade de uma bondosa Anónima de Faro.

## Excursões de estudo ao Algarve

Os alunos e professores da secção de botanica da Faculdade de Sciencias deverão partir por estes dias para o Algarve em excursão scientifica de erborisação, tencionando percorrer diversas regiões da nossa linda e admirada provincia.

— No dia 30 partem os da Faculdade de Letras, que tencionam regressar a 4 de Maio, depois de terem visitado Faro, Olhão, Tavira, Vila Real e Portimão, localidades em que a sua passagem certamente radicará lembranças, pois que a Faculdade de Letras é uma Escola que sabe sempre fazer o seu lugar com a maior distincção e captivar as melhores simpatias daqueles com que priva.

No percurso serão dadas récitas e feitas conferencias por alunos e professores.

## Orfeon Académico de Coimbra

Contam-nos que não é inferior ao de Antonio Joice o novo Orfeon Académico de Coimbra, sob a regencia do Dr. e estudante da Universidade, sr. Elias d'Aguiar.

A primeira viagem das suas 150 figuras, a Aveiro, a 6 de Março pretérito, foi uma optima garantia dos seus créditos.

A proxima a realizar-se terá lugar nos principios de Maio e será a Porto e Braga.

O sr. Elias d'Aguiar é um digno continuador do Dr. Antonio Joice, — e uma figura simpática que merece, portanto, todos os incitamentos.

## «Questões actuais»

Esta nova secção, do nosso novo colaborador sr. Gonçalo de Olivais, é uma série de artigos em que aquele ilustre escritor «pretende analisar a evolução social (e não politica) do ultimo sculo.»

Ao de hoje seguem-se os capitulos: II — O Valor do Problema — e III — A Solução do Problema.

## «Antero de Quental» e «Ode a Camões»

Agradecemos penhoradissimos aos seus autores, A. Bustorff e José Rebelo, respectivamente, a oferta e dedicatória de tão apreciados folhetos. Este, um pequeno mas interessante estudo biográfico de Antero; aquele, uma sentida ode, toda ritmo, toda harmonia e toda ancia de um peito moço, — ao nosso imortal épico.

## Lutuosa

Encontram-se de iuto os nossos Director e Secretario, pela inesperada morte de sua tia, a muito estremecida mãe do nosso querido colega do Instituto Superior Técnico, José Tomaz Moreno.

A Redacção da «Alma Nova» associa-se pezarosa á dôr que tão cruelmente alanceia o coração do nosso querido colega e companheiros, enviando a todas as suas inconsoladas familias as mais sinceras expressões do seu sentir.

## Palcos e Cinemas

**Politeama.** — Tem despertado grande interesse a bela companhia de zarzuela hespanhola ultimamente apresentada neste teatro; e é justissimo esse interesse, já pela grande variedade do repertorio já pela beleza dos numeros que apresenta. Actualmente estão merccndo muitos aplausos e enchentes sucessivas — «Alma de Dios» «Duo de la africana», «La alegria de la huerta», etc.

**Ginasio.** — André Brun é, incontestavelmente, um dos mais habéis e productivos, se não o mais productivo dramaturgo contemporaneo. Senhor de um chiste especial, uma maneira de dizer muito sua (conquanto influenciada de espirito francez), d'uma jovialidade e dum imprevisito cheio de surpresas, tem obras que lhe valem muito pelo que muito nos sabem valer.

Actualmente está em scena o seu ultimo trabalho, — «4:028 Lx», liberrina e impagavel interpretação duma comedia franceza.

**Trindade.** — Depois do successo da revista de Schwalback «Verdades e Mentiras», vae novamente o Trindade adquirir novas enchentes com a apresentação da já conhecida e bela peça fantastica de Eduardo Garrido, com música de Ciriaco Cardoso, «O Relogio Magico», cuja apresentação sandosas noites de arte virá recordar aos frequentadores do Trindade. A mise-en-scene dizem-nos que será deslumbrante. Só temos pois que felicitar o sr. Affonso Taveira pela maneira como sabe corresponder á admiración do nosso publico pelo seu teatro.

**Rua dos Condes.** — Como ultima novidade, temos enfim neste elegante salão a reclamada revista de S. de A. e V. de S. «A Feira da Vida», que, não obstante não corresponder absolutamente a todas as nossas espectativas, nem por isso desmerece as nossas simpatias. Ha numeros de que gostámos muito. Estão nesse caso a canção da peixeira e do soldado, o pãozinho, e outros, dum sabor muito popular.

«Feira da Vida», tem sobretudo um dom literario que em poucas revistas encontramos.

**Apolo.** — Visto que o nosso publico está reduzido á triste condição de só ter que gramar revistas, o Apolo tambem nos apresenta a sua. Intitula-se «Fado e Maxixe», e fazem-se grandes apauiguados sobre o seu successo. Em breve sobe á scena outra, da autoria de Marçal Vaz, Henrique Roldão e Artur Rocha, «A Rosa Tirana».

**Coliseu dos Recreios.** — Com a saída da bela companhia «Cirque Royal» de Bruxellas coincidiu a entrada de uma outra, ainda superior, no Coliseu, que é hoje um dos mais concorridos e admirados salões de Lisboa.

**Teatro de Variedades.** — Tem todas as noites enchentes a já celebre revista «Piadas e Beliscões», em scena neste teatro.

## Os melhores cinemas

**Salão Foz.** — São todas as noites muito aplaudidos «As três Dulias» a elegante cançonetista Elen Ducri e Rosita, que constituem actualmente as variedades deste cinema.

**Salão Olimpia.** — A reunião do chic. Matinéés diárias.

**Salão da Trindade.** — Belas fitas e preços convidativos.

**Chiado Terrasse.** — Muito amplo e sempre estricías.

**Coliseu de Lisboa.** (Rua da Palma). Lindissimas fitas.

**Salão dos Anjos.** — Bôas fitas e variedades. Kinopereta.

Por falta de espaço não publicamos varios artigos e versos já compostos para este numero. Desculpem-nos os seus autores.



# SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL

SÉDE — Rua Garret, 103, 2.º — LISBOA  
TELEFONE N.º 1480

FIM DA SOCIEDADE: Criar e desenvolver, entre nós, a **INDUSTRIA DO TURISMO**, fonte de riqueza nacional

## Vantagens dos socios, entre outras muitas:

a) Abatimento de 50 % uma vez por semana, nos teatros de Lisboa Apolo, Avenida, Eden, Ginasio, Moderno e Trindade; e nos animatografos Central, Chiado Terrasse, Olimpia, Trindade, Anjos e Chantecler.

b) Abatimento de 50 % nos animatografos do Parlo Jardim Passos Manoel e Salão Jardim da Trindade; Abrantes na Sociedade João de Deus a todas as distrações que oferece aos seus associados, tem direito os socios da Propaganda com a apresen-

tação do bilhete de identidade; Barreiro, Teatro Independente abatimento, de 20 %; Covilhã, Herminios Terrasse, abatimento de 50 %; Evora, Teatro Garcia de Resende, sabados 50 %; Faro, Teatro Ciro, abatimento de 50 % e Teatro Lethes, 8 %; Figueira da Foz, Casino Mondego, abatimento 25 %; Guarda, Casino da Beira, 20 %; Lagos, Empresa Animatografica Laeobrigence, 50 %; Leiria, Teatro Moderno, 20 %; Selubal, Casino Setubalense e Salão Recreio

do Povo, 50 %; Vichy, Jardim de Vichy, 10 % e Casino Fleures, 50 %.

c) Abatimento de 50 % no preço da entrada, ás 4.ªs feiras, no Jardim Zoologico.

d) Advocacia gratuita (consultas 3.ªs e 6.ªs feiras).

e) Abatimento de 10 % em todos os grandes hotéis do paiz.

f) Abatimento de 5 a 25 % em numerosos estabelecimentos comerciais.

g) Abatimento nas excursions promovidas pela Sociedade.

### QUOTA MINIMA 1\$20 POR ANO

Pedir boletins para inscrição de socios, à **SOCIEDADE PROPAGANDA DE PORTUGAL**  
**DELEGAÇÕES DA PROVINCIA**

Bairrada — Presidente: Adriano Augusto Canecla d'Albreu.

Carlxo — Presidente: Francisco José Pereira.

Castelo de Vide — Presidente: Dr. João Magrassô.

Covilhã — Presidente: Fernando Henriques da Cruz.

Elvas — Presidente: José Nunes da Silva Sobrinho.

Evora — Presidente: Visconde da Esperança.

Faro — Presidente: Constantino Romano.

Lagãa — Presidente: Antonio Judice de Magalhães Barros.

Lagos — Presidente: Lopo

José Agnado Leote Tavares.

Leiria — Presidente: Inacio Verissimo d'Azevedo.

Luso — Presidente: Ernesto Navarro.

Manteigas — Presidente: João Bernardo da Cunha Matos.

Monchique — Presidente: Dr.

Bernardino Moreira da Silva.

Penacova — Presidente: Dr. Luiz Sereno.

Portalegre — Presidente: Dr. João Franco de Souza.

Portimão — Presidente: Antonio Teixeira Bicker.

Silves — Presidente: Pedro Paulo Mascarenhas Indice.

A **"ALMA NOVA"** Trata da inscrição de socios na "Propaganda de Portugal". Todos os socios por nós inscritos terão o abatimento de 50 % na sua assinatura em a nossa revista.

## FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MAIO SERRALHARIA MECANICA E CIVIL FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE DE MANOEL CARVALHO

Rua Infante D. Henrique, 186 — FARO. Construção de poços Artesianos — Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis.

Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição.

Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas.

Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia

Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica.

## Caldas de Monchique

### Tratamento

**Pelas aguas termaes** — nas doenças de estomago, pele, reumatismo.

**Pelo tratamento natural** — dá resultados surpreendentes em doenças dos intestinos, nervosas, ossaes, diabetes, anemias, gordura, etc.

**Hotel Central** — Hygienico. Regimens adequados ás doenças. Diários de 1\$100 a 1\$300 réis.

**Hotel Popular** — Accado e economico. Diários de 800 e 1\$000 réis.

Medico director **Dr. Bentes Castel-Branco**

## Livraria das NOVIDADES

— DE —

### Antonio dos Santos Capela

Rua da Marinha, 15 — FARO

Livraria, Papelaria, Loterias e Tabacos nacionaes e estrangeiros

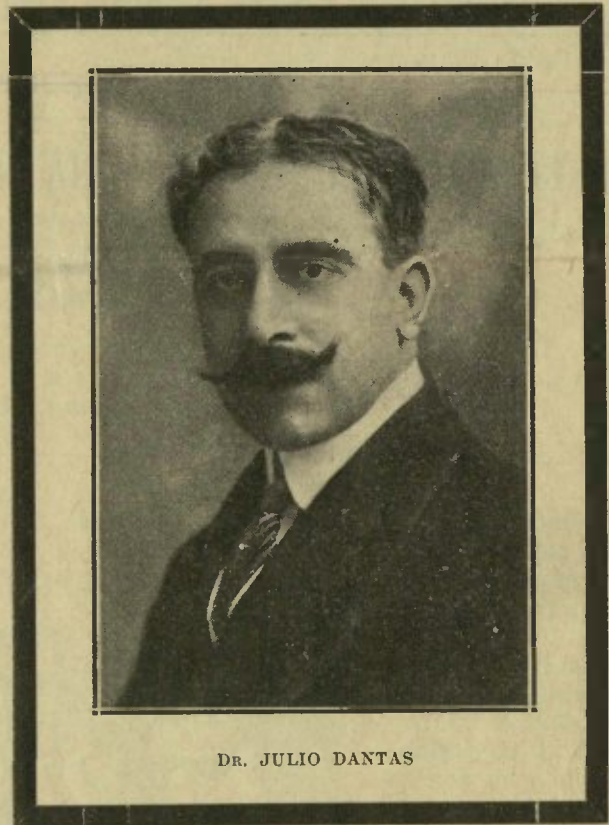
N'este estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas! Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

### Grande sortimento em bilhetes postaes

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. — Entendernações a preços resumidos. Agente das principaes casas de Lisboa.

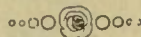
# Alma Nova

REVISTA ILUSTRADA



DR. JULIO DANTAS

LITTERATURA : SCIENCIA  
CRÍTICA : E : ARTES



Redacção e Administração

Rua da Procissão, 148, 3.º

LISBOA

## SUMÁRIO do n.º 8

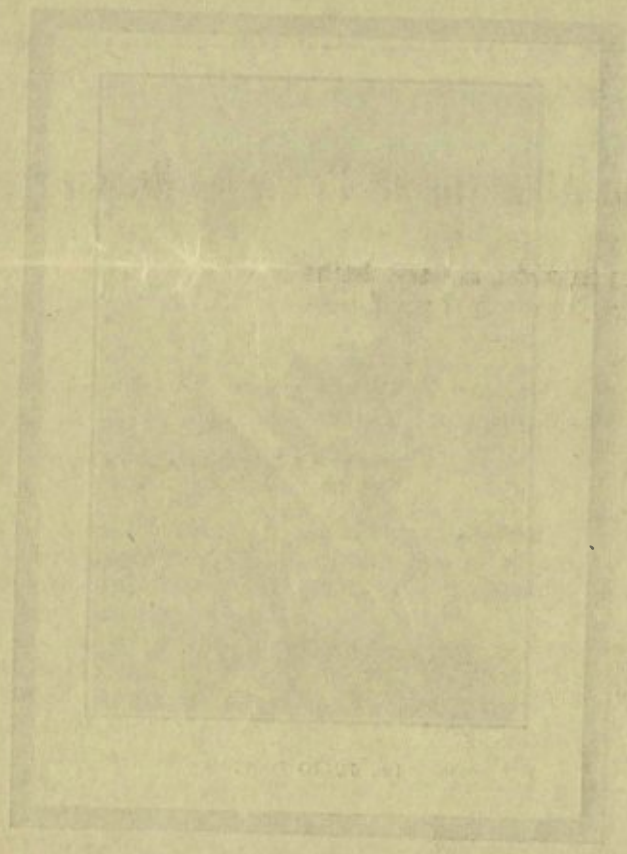
Pelos interesses da provincia (com  
ilustrações).  
A beleza artistica do Algarve (com  
ilustrações) — *Lyster Franco*.  
Cristo Agonizante — *Versos de Al-  
fredo Pedro Guisado*.  
Sepultado — *Soneto de F. Carvalho  
Mourão*.  
Crença — *Soneto de Mario Pacheco*.  
O Algarve pitoresco — *Desenho de  
Lyster Franco*.  
A vila de Arenilha e suas lendas —  
*Ataide Oliveira*.  
Cronicas de Arte — *A. Bustorff*.  
Questões actuais — *Gonçalo Olivais*.  
Figuras Algarvias (Julio Dantas).  
Notas (com ilustrações).  
Por Palcos e Salas (criticas, réclames  
e informações).

Preço 5 centavos



# Alma Dora

THE UNIVERSITY OF CHICAGO



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

~~CONFIDENTIAL~~

1918  
1919  
1920  
1921  
1922  
1923  
1924  
1925  
1926  
1927  
1928  
1929  
1930  
1931  
1932  
1933  
1934  
1935  
1936  
1937  
1938  
1939  
1940  
1941  
1942  
1943  
1944  
1945  
1946  
1947  
1948  
1949  
1950  
1951  
1952  
1953  
1954  
1955  
1956  
1957  
1958  
1959  
1960  
1961  
1962  
1963  
1964  
1965  
1966  
1967  
1968  
1969  
1970  
1971  
1972  
1973  
1974  
1975  
1976  
1977  
1978  
1979  
1980  
1981  
1982  
1983  
1984  
1985  
1986  
1987  
1988  
1989  
1990  
1991  
1992  
1993  
1994  
1995  
1996  
1997  
1998  
1999  
2000  
2001  
2002  
2003  
2004  
2005  
2006  
2007  
2008  
2009  
2010  
2011  
2012  
2013  
2014  
2015  
2016  
2017  
2018  
2019  
2020  
2021  
2022  
2023  
2024  
2025